Nunca saberemos se na carga sobre o Cristiano Ronaldo, na final do Campeonato da Europa houve má-fé ou falta de fair-play. A única pessoa do mundo que o poderá dizer se teve ou não intensão de provocar uma lesão é o futebolista francês Payet.

Tudo o resto são interpretações ou meras especulações.

Sei que estou a falar de universos completamente distintos, mas fair-play é e será sempre fair-play, quer se trate de uma competição profissional, quer se trate de uma competição de jovens.

Da minha parte, e principalmente porque o meu universo se situa na actividade desportiva das crianças e os jovens, nunca me cansarei de procurar ter uma atitude pedagógica e de elogiar comportamentos em que o fair play está presente, sobretudo quando se tratam de competições de jovens.

Em Paços de Ferreira na Festa do Minibásquete houve situações de fair-play como as do Rui Pedro Nazário, que ajudou os árbitros a tomar a decisão correta, sendo esta contra a sua equipa, mesmo em jogos muito equilibrados e decisivos. No meu discurso na cerimónia de encerramento da 6ª Festa de Minibásquete tive o cuidado e todo o gosto em realçar atitudes de fair-play dos treinadores presentes no evento.

No entanto, sei que há pessoas que não concordam com a atitude do Rui Pedro Nazário. Consideram que não tem nada que ajudar o árbitro a tomar a decisão certa e justa, pois os jogos são para ganhar. Quem considera que o Rui Pedro não esteve bem tem naturalmente o direito de pensar desse modo, mas se tiver um mínimo de coerência nunca se deverá queixar das decisões injustiças ou erradas da arbitragem. Ora o que acontece é que normalmente, quem em função de resultados, não defende atitudes de fair play, vale tudo para ganhar, são normalmente aqueles que mais se queixam e lamentam quando são vítimas dos erros da

arbitragem. Por uma questão de dignidade, coerência e princípios deviam estar calados, mas como posso pedir eu princípios a quem não tem fair-play.